

## REGIONALISMO NA LITERATURA<sup>1</sup>

Benedetto Croce

Um valoroso escritor italiano – ao qual esta revista tem, com os muitos elogios que ele merece, dirigido algumas observações acerca do modo com o qual ele tem entendido o valor da filosofia – em uma sua resposta, inserida em um jornal literário, deu a falar de “crítica regionalista”. Estas palavras não fazem justiça a quem as escreveu; mas eu não insistirei demais sobre elas, considerando-as como efeito de um momento de mau-humor, pelo qual às vezes também pessoas excelentes se deixam levar, quando está em jogo o amor próprio. Senão que, acontecendo, alguns dias depois, de ler uma frase de som semelhante em um periódico erudito, e ao “regionalismo” tendo-se acenado no ano passado na polêmica suscitada pela minha crítica às poesias de Pascoli; eu, como de costume, quero tentar tirar do mal um pouco de bem; e farei algumas observações gerais em torno a estas acusações de regionalismo que, me parece, deveriam desaparecer completamente das discussões sérias entre pessoas sérias.

Por que, o que é o regionalismo? A tendência – como todos sabem – a fazer valer, no mundo teórico ou no mundo prático, as coisas da própria região, não por aquele valor que realmente possuem, mas por um outro exagerado e falso, que arbitrariamente, por não legítimos interesses, a elas se atribui. No mundo prático, portanto, é uma das tantas formas em que se manifesta o egoísmo, a avidez, a prepotência, a injustiça, a mesquinaria moral; no mundo teórico, é uma das tantas formas em que se manifesta a estreiteza, a pequenez, a mesquinaria intelectual. Ampliem o regionalismo até o *chauvinismo* nacional ou, se preferirem, europeu, e ao fanatismo de raça; ou diminuam-no até o municipalismo, o paroquialismo: substancialmente, este não muda: é sempre injustiça e estreiteza mental. E não tentem deixá-lo amável ou digno de compreensão, aliás, de simpatia. Pode-se amar do modo mais terno a própria pátria, a própria cidade, a própria paróquia; sentir saudades

---

<sup>1</sup> Tradução de Paula Regina Siega. Publicado originalmente em *La Critica: Rivista di Letteratura Storia e Filosofia diretta da B. Croce*, em 1908. Disponível em: <https://ojs.uniroma1.it/index.php/lacritica/article/download/6953/6935>.

daquela paisagem, daquelas estradas, daquelas casas: como Sócrates, gabar-se de não ter nunca saído de Atenas; e com isto não ser regionalistas. O regionalismo se dá somente com aquela característica da injustiça e da mesquinha mental; e é por isso, sempre, lamentável e desamável.

Como o regionalismo não deve ser confundido com o amor do *natio loco*, assim não se deve com o ocupar-se ativamente das coisas do próprio país, da própria região, da própria cidade, da própria vila. Cada um de nós nasceu da mãe natureza, ou foi jogado pelo destino, em um ponto determinado da superfície terrestre; e naquele ponto, e não em outro ao qual seja possível transportar-se com a imaginação, deve dispor da sua vida de homem cumprir com as suas obrigações. É evidente que seria um expediente de gente preguiçosa afligir-se pelas finanças japonesas, quando se está na Itália e se deve pensar nas finanças italianas; ou, sendo cidadão de Florença, estar atento, no lugar do balanço municipal da cidade de Battista, ao da cidade de S. Ambrogio. E, para limitar-nos ao mundo teórico, ou seja, aos estudos literários e históricos, é evidente que um napolitano fará muito bem em evidenciar as notícias e os documentos que se mantêm em Nápoles, e a promover a estima e o conhecimento daquelas coisas napolitanas, das quais ele pode ter mais direto e preciso conhecimento do que outros; esperando que os colegas das outras regiões da Itália façam o mesmo pelas coisas próximas a eles. Se eu, por exemplo, organizei para publicação os escritos de De Sanctis ou de Silvio Spaventa ou de Imbriani ou de Labriola, em vez de os de Rosmini ou de Confalonieri ou de Tommaseo, não é certamente por pouca ou inferior estima que eu tenha de Rosmini, de Confalonieri ou de Tommaseo, mas simplesmente porque dos primeiros, vivendo eu aqui em Nápoles, conhecia as circunstâncias de vida e as relações de família e de amizade, e pude obter os papéis necessários; enquanto ninguém providenciou-me os papéis de Rosmini, de Confalonieri e de Tommaseo, que têm já em outros lugares quem deles cuide otimamente. “Cidade que vai, história que encontre”, me dizia, há tantos anos, um meu erudito amigo meridional que, transferido para Lombardia, transformou-se em um ativíssimo investigador da história dos Visconti.

Dadas estas definições e feitas estas distinções, que vi frequentemente negligenciadas, eu me pergunto se existe um senso comum quando se trata de examinar um pensamento filosófico, um julgamento crítico, uma narração histórica, em usar o “regionalismo”. E andar insinuando, por exemplo: – o tal dos tais louva os romances de

Fogazzaro; é natural; o crítico é da sua região. – Ou: aquele outro tal defende a crítica de De Sanctis; é natural: ele é napolitano. No campo dos estudos, aqueles julgamentos devem ser examinados intrinsecamente para determinar se são verdadeiros ou se são falsos, ou em que parte verdadeiros e em que parte falsos. E, se são verdadeiros, estes não terão jamais outro fundamento ou motivo que a verdade em si; e se são falsos, algum motivo estranho, sem dúvida, deve ter agido para deixá-los assim; e entre as infinitas possibilidades destes motivos – a pressa, a arrogância, a natural malignidade do temperamento, a vontade de chamar a atenção, a distração e assim por diante – poderão estar, em alguns casos, a injustiça e a mesquinha do “regionalismo”. Mas, admitindo que o verdadeiro e preciso motivo psicológico que induziu ao erro é, nestes casos, de pouco interesse; admitindo que a sua busca é, de costume, difícilíssima, tratando-se de apurar condições, contingências e intenções de índole estritamente pessoal; admitindo que o erro que se cometa em tal busca assume um caráter particularmente odioso (todas razões que aconselham muita discrição); - é claro que tal busca não deve preceder nem pode substituir-se a outra sobre o *valor intrínseco* daquele julgamento. De outro modo, não nos entenderemos mais. Estaremos piores que moleques brigando na escola. De minha parte, nem mesmo a um cidadão de Arezzo que afirmasse que Guadagnoli é um fino poeta, eu me permitiria responder que isso depende do fato de Guadagnoli ser arezziano; mas tentaria provar, com o volume das poesias de Guadagnoli em mãos, que um fino poeta ele não é. Se me agarrasse àquela acusação gratuita, em vez de provar *in re* a falsidade do julgamento, faria supor legitimamente de não estar com a razão ou, pelo menos, de não saber como expô-la.

E por isso – desculpem-me os egrégios homens que deram motivo para esta nota – sempre que estes, a propósito de algum julgamento desta revista que lhes desagrade, terão o péssimo gosto de colocar em campo o “regionalismo”, não entrarei na disputa; não só porque não gosto de fofoca (e esta do regionalismo está entra as mais estúpidas), mas porque, nas suas próprias palavras, verei a clara prova de que eles mesmos não depositam nenhuma confiança na causa que gostariam de defender.

E espero, para a dignidade dos estudos italianos, de não ter mais que retornar a este argumento.